

## A MALTA DO CAVALO, JEAN-CLAUDE VAN DAMME E A MADRE SUPERIORA

O Marado estava encharcado em suor e tremia imenso. Eu tava sentadinho no meu canto a olhar para a televisão e a fazer um esforço enorme para não reparar no gajo. A má onda dele já me começava a contagiar. Tentei concentrar-me no vídeo do Jean-Claude Van Damme.

Como sempre neste género de fitas, logo a abrir havia uma cena dramática à brava. A seguir havia umas peripécias rocambolescas só para aumentar a tensão, apresentar o chefe dos maus e esboçar um enredo colado com cuspo. A qualquer momento, o amigo Jean-Claude ia começar a distribuir porrada de criar bicho.

— Tenho de ir ter com a Madre Superiora, Rents — arfou o Marado, a abanar a cabeça.

— Bolas! — disse eu. Queria era que aquele chalado me desaparecesse da vista, que se desenrascasse sozinho e me deixasse em paz a ver o Jean-Claude. Mas a verdade é que não tardava muito e eu próprio também me ia começar a sentir na merda, e se aquele gajo fosse comprar o produto sem mim, de certeza que me deixava pendurado. Chamam-lhe Marado mas não é por ele estar sempre marado com a síndrome de abstinência, é por ele ser mesmo marado dos cornos.

— Anda daí, caralho — rosnou ele, desesperado.

— Aguenta-te um segundo. — Apetecia-me ver o Jean-Claude partir as fuças àquele cabrão arrogante. Se saíssemos agora, eu perdia essa parte. Quando voltássemos, o que provavelmente só ia

acontecer daí a alguns dias, eu havia de estar tão passado a ponto de não atinar com coisa nenhuma. Quer dizer que ia pagar um caralho duma multa ao clube de vídeo por causa dum filme que nem tinha conseguido ver em condições.

— Tenho que me pôr a andar, porra! — grita ele, e levanta-se. Chega-se à janela e encosta-se ao vidro, a arquejar. Parece um animal acossado. Nos seus olhos não há mais nada senão angústia.

Desligo o aparelho com o comando. — Para que é que eu fui alugar esta merda? Um desperdício do caralho, é o que é — rosno eu para o gajo, aquele chato de merda.

Ele atira a cabeça para trás e olha para o tecto. — Eu dou-te a massa para alugares essa trampa outra vez. É por isso que estás com essas trombas? Por causa duma merda duns trocos?

Este gajo tem um jeito especial para fazer os outros sentirem-se mesquinhos e reles.

— Não é esse o problema, caralho — digo eu, mas sem convicção nenhuma.

— Pois não. O problema é que eu estou aqui na pior, e tu que te dizes meu amigo estás para aí a arrastar os pés de propósito! Até parece que tás a gozar o prato! — Os olhos dele parecem bolas de futebol e deitam-me um olhar a um tempo raivoso e suplicante, como testemunhas pungentes da minha suposta traição. Se eu viver o suficiente para ter um chaval, espero que ele nunca olhe para mim da maneira como o Marado olha. Nestas alturas, o tipo é irresistível.

— Eu não queria... — protestei.

— Mexe-me mas é esse cu e toca a andar!

No fundo de Leith Walk não havia táxis. Parece que os taxistas só se lembram de ir para ali quando ninguém precisa deles. Estamos em Agosto, mas eu tenho os tomates a congelarem-me dentro das cuecas. Ainda não comecei a ressacar, mas já vem a caminho, tão certo como dois e dois serem quatro.

— É suposto isto ser uma praça de táxis. Um caralho duma praça de táxis. Nunca se consegue apanhar um no Verão, foda-se. Andam por aí às voltas a passear cabrões ricos que têm preguiça de andar cem metros a pé duma igreja merdosa até à seguinte. Taxis-

tas... Todos uma cambada de chulos, é o que é. — O Marado ofegava estas coisas em voz baixa, delirante, com os olhos a saltarem-lhe das órbitas e os tendões do pescoço retesados, enquanto fitava o outro extremo do Leith Walk.

Até que finalmente apareceu um. Havia um grupo de gajos novos vestidos de kispos e blusões de aviador que já ali estavam há mais tempo do que nós. Duvido que o Marado os tenha visto sequer. Arrancou disparado para o meio da rua a gritar: — TÁXI!

— Eh! Qual é a tua, foda-se? — pergunta logo um gajo de kispo preto, roxo e azul-claro, com o cabelo todo espetado.

— Não me lixes, pá. Nós já cá estávamos primeiro — responde o Marado, e abre a porta do táxi. — Já lá vem outro — e aponta para um táxi preto que vinha a descer o Leith Walk.

— Sorte a vossa, espertalhões.

— Vai apanhar no cu, putro bexigoso! Vai dar uma volta! — rosna o Marado enquanto saltamos para dentro do táxi.

— Para Tollcross, chefe! — digo eu ao condutor no momento em que uma escarradela acerta no vidro do meu lado.

— Sai cá para fora se és homem, espertinho! Anda, cabrão! — grita o kispo. O taxista não achou graça. Tinha cara de ser um filho da puta de primeira apanha. Como quase todos. Não há malta mais reles à face da Terra do que estes brochistas estabelecidos por conta própria.

O táxi inverteu a marcha e acelerou pelo Leith Walk acima.

— Viste a merda que fizeste, bazófias do caralho? Da próxima vez que um de nós estiver a ir para casa sozinho, arrisca-se a levar uma carga de porrada daqueles chungosos. — O Marado já me tinha conseguido irritar.

— Qual é o teu problema? Não tás com medo daqueles parolos do caralho, ou tás?

O tipo já me estava a mexer com os nervos.

— Podes crer! Podes crer que me borro todo se tiver de fugir a uma matilha de kispos, caralho! Julgas que eu sou algum Jean-Claude Tomates Van Damme? Saíste-me um bom chato de merda, é o que é, Simon. — Chamo-lhe «Simon» em vez de «Si» ou «Marado» para lhe mostrar que estou a falar mesmo a sério.

— Eu cá quero é ir ter com a Madre Superiora e estou-me a caçar para o resto tudo. Topas? — Enquanto diz isto, ele bate no peito com o indicador, os olhos saídos das órbitas fixos em mim.

— Aqui o Simone quer ir ter com a Madre Superiora. Vê se metes isso nos cornos. — Depois vira-se e remira nervosamente as costas do taxista, cheio de vontade que o gajo acelere e se despache, e põe-se a bater um ritmo nas coxas.

— Um daqueles gajos era o irmão mais novo do Dandy e do Chancey McLean — digo eu.

— Não me digas — responde ele, mas sem conseguir esconder a ansiedade na voz. — Eu conheço-os. O Chancey é um tipo porreiro.

— Não quando alguém se mete com o irmão dele — digo eu.

Mas o Marado já não me estava a ligar puto. Decidi não o chatear mais. Achei que não valia a pena desperdiçar energias. A sua dor silenciosa por causa da ressaca parecia agora tão intensa que nada que eu pudesse fazer lhe iria aumentar o sofrimento.

A «Madre Superiora» era o Johnny Swan, também conhecido por Cisne Branco, um dealer que vivia em Tollcross e controlava a área de Sighthill e Wester Hailes. Sempre que possível, eu preferia fazer negócio com o Swanney ou com o compincha dele, o Raymie, do que com o Seeker mais a mafia de Muirhouse-Leith. Normalmente, vendiam produto melhor. Nos bons velhos tempos, o Johnny Swan tinha sido meu amigo, um amigo do peito. Tínhamos jogado futebol juntos no Porty Thistle. Agora ele era dealer. Lembro-me de ele nos dizer uma vez: «Neste jogo não há amigos. Só conhecidos.»

Na altura pensei que ele se estava a armar em duro, a dar espectáculo. Agora que me enterrei todo, percebo exactamente o que o gajo queria dizer.

Além de dealer, o Johnny era também drogado. É preciso subir mais uns bons degraus na escala para encontrar um dealer que não use também. Chamávamos-lhe Johnny «Madre Superiora» por já ter o hábito há imenso tempo.

Daí a pouco comecei a sentir-me na merda também. Enquanto subia as escadas para a baiuca do Johnny, deram-me umas câm-

brias fodidas. O meu corpo escorria água como uma esponja, e cada degrau fazia-me esguichar mais suor dos poros. O Marado ainda devia estar pior que eu, mas o tipo começava a nem existir para mim. Só reparei nele quando o vi debruçar-se por cima do corrimão à minha frente, a tapar-me o caminho para a casa do Johnny e para a dose que me esperava lá em cima. Ele estava a arfar, com os dedos fincados no corrimão e uma cara de quem ia vomitar as tripas pelo poço da escada abaixo.

— Tás bom Si? — pergunto eu de maus modos, lixado com o gajo por ele nos estar a empatar.

Ele abana a cabeça e revira os olhos, mandando-me seguir caminho. Eu fecho-me em copas. Quando um gajo se sente assim, não quer falar com ninguém nem quer que ninguém fale com ele. Quer que o deixem em paz e mais nada. Eu estava na mesma. Às vezes penso que lá bem no íntimo, as pessoas que se metem na droga só desejam um bocadinho de silêncio, mais nada.

Quando finalmente chegámos ao apartamento do Johnny lá no cimo das escadas, vimos que o gajo tava todo pedrado. A casa dele estava transformada em chutódromo.

— Chegaram o Marado e o Rents, que também é marado dos cornos! — riu-se ele, a curtir uma ganda trip. O Johnny costumava snifar um bocado de coca cada vez que se chutava, ou então metia speedball, uma mistura de cavalo e cocaína. Dizia que assim ficava mais bem disposto e não se punha a olhar para as paredes o dia inteiro. Não há nada que foda mais os cornos a um gajo que está a ressacar como nós estávamos do que um tipo a curtir a sua trip, que nem sequer repara no sofrimento dos outros. Enquanto um bebedolas num bar quer que toda a malta fique tão alegre como ele, o verdadeiro drogado (ao contrário do utilizador ocasional, que precisa dum cúmplice para lhe dar coragem) está-se completamente a cagar para o resto da malta.

O Raymie e a Alison estavam lá. A Ali estava a cozinhar. A coisa prometia.

Johnny dançou uns passos de valsa até junto da Alison e pôs-se a fazer-lhe festinhas. — Eh, borracho, esse teu cozinhado cheira bem à brava... — Depois virou-se para o Raymie, que se tinha pos-